

FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

FICHEIRO EPIGRÁFICO

(Suplemento de «Conimbriga»)

176

INSCRIÇÕES 668-669



INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA, ESTUDOS EUROPEUS, ARQUEOLOGIA E ARTES

COIMBRA 2018

ISSN 0870-2004

FICHEIRO EPIGRÁFICO é um suplemento da revista CONIMBRIGA, destinado a divulgar inscrições romanas inéditas de toda a Península Ibérica, que começou a publicar-se em 1982.

Dos fascículos 1 a 66, inclusive, fez-se um CD-ROM, no âmbito do Projecto de Culture 2000 intitulado VBI ERAT LVPA, com a colaboração da Universidade de Alcalá de Henares. A partir do fascículo 65, os volumes estão disponíveis no endereço http://www.uc.pt/fluc/iarq/documentos_index/ficheiro.

Publica-se em fascículos de 16 páginas, cuja periodicidade depende da frequência com que forem recebidos os textos. As inscrições são numeradas de forma contínua, de modo a facilitar a preparação de índices, que são publicados no termo de cada série de dez fascículos.

Cada «ficha» deverá conter indicação, o mais pormenorizada possível, das condições do achado e do actual paradeiro da peça. Far-se-á uma descrição completa do monumento, a leitura interpretada da inscrição e o respectivo comentário paleográfico. Será bem-vindo um comentário de integração histórico-onomástica, ainda que breve.

José d'Encarnação

Toda a colaboração deve ser dirigida a:

Instituto de Arqueologia
Departamento de História, Estudos Europeus, Arqueologia e Artes
Faculdade de Letras | Universidade de Coimbra
Rua de Sub-Ripas | Palácio Sub-Ripas
P-3000-395 COIMBRA

A publicação deste fascículo só foi possível graças ao patrocínio de:



ETIQUETAS DE CHUMBO ROMANAS, EM PENICHE
(*Conventus Scallabitanus*)

As terraplanagens efectuadas junto à Rua Dr. Azeredo Perdigão (freguesia da Ajuda, concelho de Peniche) tiveram acompanhamento por parte do Dr. Rui Venâncio, arqueólogo da Câmara Municipal. O potencial arqueológico do sítio, derivado da proximidade da igreja de Nossa Senhora da Ajuda e dos Fornos Romanos do Morraçal da Ajuda, em Peniche, determinou, porém, a realização de estudos de minimização de impactes, solicitada à empresa Neoépica (FIG. 1).

De facto, as previsões concretizaram-se, na medida em que foi possível exumar grande quantidade de artefactos, nomeadamente ânforas (e respectivas tampas), cerâmica comum (almofarizes e potes, entre outros), fragmentos de vasos de *terra sigillata*, cavilhas e pregos de bronze de várias dimensões, para além de material osteológico e malacológico.

Reputamos de particular interesse as placas de chumbo, de pequenas dimensões, com inscrições em numeração romana e caracteres latinos, que se presume serem etiquetas de ânforas com informação acerca do produto transportado e sua proveniência, placas que, por tal motivo, constituem o objecto do presente estudo. Todo este material romano é enquadrável, após uma análise preliminar, entre os finais do século I a. C. e o século I d. C.

Descrição

1

Etiqueta exumada a 19 de Maio de 2007, na U.E. – 15, na zona de concentração a norte. Rectangular, de chumbo, cortada à tesoura. Furo para passagem de fio. Alguma corrosão. Legenda gravada com estilete.

Dimensões (em mm): 36,5 x 14,7/15 x 0,8/2,2.

Inscrição: SARLA

Altura das letras (em mm): 9,2; 10; 9,6; 11,3; 7,3.

2

Etiqueta exumada, junto a uma asa de ânfora, a 27 de Abril de 2007, na sondagem 106/198, U. E. – 01A. Rectangular, de chumbo, cortada à tesoura. Furo para passagem de fio. Legenda gravada com estilete.

Dimensões (em mm): 38,9 x 12,7/13 x 1,2.

Leitura: CAELI [?] |X|

Altura das letras: 9,7; 6,9; 8,5; 8,5; 16,5; 7,8; 9,9.

3

Etiqueta exumada a 5 de Março de 2007, na área da vala 1, sondagem da bolsa 1, U. E. – 02A. Rectangular, de chumbo, cortada à tesoura. Furo para passagem de fio. Legenda gravada com estilete.

Dimensões (em mm): 38,6 x 12,2/11 x 0,8/1,4.

Leitura: LXXIII

Altura das letras (em mm): 7,8; 8,3; 8,3.

L de barra horizontal.

4

Etiqueta exumada a 28 de Março de 2007, sob a responsabilidade de J. Costa, na área da vala 1, sondagem da bolsa 1, U. E. – 02. Rectangular, de chumbo, cortada à tesoura. Furo para passagem de fio. Legenda gravada com estilete.

Dimensões (em mm): 38,6 x 12,2/11 x 0,8/1,4.

Leitura: LXX

Altura das letras (em mm): 11,4; 6,8; 6,8.

L de barra oblíqua e nitidamente gravado mais fundo do que as outras letras.

5

Etiqueta exumada a 9 de Maio de 2007, na sondagem S1, U. E. [01]. Rectangular, de chumbo, cortada à tesoura. Furo para passagem de fio. Legenda gravada com estilete.

Dimensões (em mm): 35,9 x 12,2/12,9 x 0,8/1,2.

Leitura (muito hipotética): LXV [?]

Altura das letras (em mm): 7,8 x 8,3 x 8,3.

A haste do L está quase imperceptível; o X é claro; segue-se-lhe um traço longo, que poderá indiciar um V incompleto.

6

Etiqueta exumada a 19 de Abril de 2007, na sondagem 106/198, U. E. [01], sob a responsabilidade de J. Costa. Rectangular, de chumbo, cortada à tesoura. Furo para passagem de fio. Legenda gravada com estilete.

Dimensões (em mm): 28 x 13/12,1 x 0,9.

Leitura: LXXX

Altura das letras (em mm): 9,5; 9; 7,9; 7,9.

7

Etiqueta exumada a 5 de Abril de 2007, na sondagem da Bolsa 1, vala 1, sob a responsabilidade de J. Costa. Rectangular, de chumbo, cortada à tesoura. Fragmentada no topo furado para passagem de fio. Legenda gravada com estilete.

Dimensões (em mm): 24,3 x 6,2/7,2 x 0,9/1,1.

Leitura: LX

Altura das letras (em mm): 6,6.

8

Etiqueta exumada a 5 de Abril de 2007, na sondagem da Bolsa 1, vala 1, U. E. – 02, sob a responsabilidade de J. Costa. Rectangular, de chumbo, cortada à tesoura. Furo para passagem de fio.

Dimensões (em mm): 22,2 x 11,1/10,1 x 1,2.

Legenda: ?

9

Fragmento de etiqueta de chumbo exumado a 27 de Abril de 2007, na sondagem 104/216. Rectangular, de chumbo, cortado à tesoura. Furo para passagem de fio.

Dimensões (em mm): 12,8 x 14,5 x 0,8.
A eventual legenda ficou na parte perdida.

10

Placa anepígrafa exumada a 5 de Abril de 2007, na sondagem da Bolsa 1, vala 1, U. E. – 02, sob a responsabilidade de J. Costa. Rectangular, de chumbo, cortada à tesoura. Apresenta corrosão.
Dimensões (em mm): 26 x 8,8/8,1 x 0,6.

11

Placa anepígrafa exumada a 9 de Maio de 2007, na sondagem 110/212, U. E. – 01. Rectangular, de chumbo, cortada à tesoura.
Dimensões (em mm): 38 x 10,1/9,6 x 0,9.

12

Fragmento anepígrafo de placa exumado a 9 de Abril de 2007, na sondagem da bolsa 1, vala 1, U. E. – [02], sob a responsabilidade de J. Costa. Rectangular, de chumbo, cortado à tesoura, fracturado num dos topos.
Dimensões (em mm): 28 x 13/12,1 x 0,9.

13

Etiqueta anepígrafa, exumada a 26 de Abril de 2007, na sondagem 106/198, U. E. – 01, sob a responsabilidade de J. Costa. Rectangular, de chumbo, cortada à tesoura.
Dimensões (em mm): 22,2 x 11,1/12,1 x 1,2.

Comentário

Afigura-se-nos pacífico atribuir a estas placas a função de indicarem a quantidade do produto que cada recipiente (ânfora, cremos) continha. Sendo também a ânfora considerada uma medida de capacidade (26 litros, aproximadamente), um número da ordem das sete/oito dezenas – LXXX na etiqueta nº 6, LXXIII na nº 3, LXX na nº 5... – não se enquadra nesse âmbito. Portanto, ou as placas não se poriam em ânforas ou esse número tem um significado diferente.

A questão primeira que poderá levantar-se é: aguardavam estas etiquetas a utilização ou terão sido deitadas fora, por erro de gravação ou por inutilidade? Quer num caso quer noutro,

porém, o seu contributo informativo não sofre deslustre, nomeadamente em relação aos números. Já em relação ao que poderá ler-se nas etiquetas 1 e 2, haveremos de ser mais cautelosos, mantendo-nos no terreno das hipóteses, embora as que vamos propor se nos afigurem viáveis.

Assim, no que diz respeito à etiqueta a que demos o nº 1, o S reconstitui-se bem, porque apenas lhe falta a terminação superior; segue-se-lhe A, sem travessão, como é habitual em textos cursivos, mormente se gravados com estilete. As duas letras seguintes serão um R (bem desenhado) e o L da escrita vulgar¹. A etiqueta apresenta-se danificada nessa zona, o que poderá ter determinado também a deficiente gravação da última letra, eventualmente A mais pequeno, por força da referida má fundição. Terão sido essas imperfeições a determinar a rejeição? Cremos que sim. E, se estivesse escrito SARLA, teria essa palavra algum significado? Em ambiente de produção de *garum*, ver aí as iniciais de SAR(*dinia*) não deixava de ser aliciante, mormente se víssemos em *-la* o indício do diminutivo *-ula*; teríamos sardinha pequena, petinga ou anchova, ainda hoje usadas em conserva! Era preciso, no caso, que uma palavra do jeito de *sardula* ou *sardinula* pudesse ter existido. E não está documentado.

Na legenda da etiqueta nº 2, em mui avançado estado de corrosão, parece verosímil ver um C oblongo, seguido de um A mais pequeno, E estreito, L de barra oblíqua e I curto. A ser assim, estaríamos perante CAELI, genitivo do *nomen Caelius*, também usado como nome único. Marca de posse ou indicação do destinatário – de *Caelius*? De seguida, X entre dois traços verticais. Segundo Battle (p. 24), essas duas linhas verticais a enquadrar um número, mormente se há uma linha horizontal a encimá-lo (o que não se nos afigura ser o caso, aqui), significavam milhares, até ao tempo do imperador Adriano, um processo que, no entanto, foi, de um modo geral, o usado para indicar as centenas de milhar. Não cremos, todavia, que se possa ir por aí, ainda que fosse verosímil a hipótese de estarmos perante duas partes distintas: o número

¹ BATTLE HUGUET Pedro, *Epigrafia Latina*, Barcelona, ²1963, fig. 13-7, p. 13-14.

a indicar a quantidade e, antes, a informação referida.

A presença de etiquetas sem qualquer inscrição denuncia a possibilidade – muito provável – de a sua preparação ser feita no local, para corresponder às necessidades do momento.

Não é Peniche o único local onde, na actual costa portuguesa, se descobriram etiquetas deste tipo. Os responsáveis pelo projecto IPSIIS – centrado na investigação dos achados na foz do rio Arade, em Portimão, um núcleo arqueológico da maior relevância, atendendo à singularidade dos materiais aí exumados – houveram por bem, «em face da importância destes materiais, e, por vezes, da dificuldade em encontrar, da parte dos especialistas, a disponibilidade imediata necessária», optar pela sua «divulgação, mesmo sem um aprofundado estudo de pormenor», no desejo de que seja «assim esta opção tida como um incitamento à colaboração futura da comunidade arqueológica no aprofundamento deste estudo» – lê-se no texto disponibilizado na Academia.edu², onde são dadas a conhecer etiquetas em tudo idênticas às de Peniche.

Cita-se aí o trabalho, de certo modo pioneiro, de Robert Léquement³, que deu a conhecer etiquetas um tudo-nada mais complexas, porque as inscrições nelas exaradas referem-se a oficinas de fabrico das ânforas a cujo colo seriam presas. No final, a intenção que expressa é a mesma dos pesquisadores do projecto IPSIIS:

«É, todavia, possível que documentos semelhantes a estes que apresentámos durmam em colecções, à falta, quiçá, de uma chave passível de os interpretar: o nosso voto é o de que a tenhamos fornecido e chamado a atenção para um material humilde, mas útil para o estudo da vida económica da África do Baixo-Império» (p. 680).

² SOUSA, José de, «Etiquetas de chumbo para anilhar asas de ânfora». Acessível em:

https://www.academia.edu/5233713/Etiqueta_de_chumbo_para_anilhar_asa_de_%C3%A2nfora

³ LEQUÉMENT, Robert, «Etiquettes de plomb sur les amphores d'Afrique», *Mélanges de l'École Française de Rome*, 87/2, 1975, p. 677-680.

Sem dúvida que o seu objectivo foi conseguido e também por isso nos decidimos nós próprios a dar a conhecer os achados de Peniche.

As etiquetas estudadas por Herbert Grassl⁴ apresentam-se mais complexas, ou seja, contêm mais dados, como, por exemplo, os nomes dos intervenientes nas transacções, e explicitam os pesos dos produtos a transportar. Esse estudo retoma as «four rectangular plates of thin lead sheet», com inscrições em letra *capitalis cursiva*, achadas nas escavações levadas a efeito em Vuhnika, no ano de 2005, e que são apresentadas na obra da responsabilidade de Maja Andrič *et alii*⁵, sob o nº 45 (p. 268-271). Estas etiquetas «atendendo às inscrições, provêm, duas pelo menos, duma forja e uma, porventura, *from a textile workshop*» (p. 268), uma *fullonica*.

O texto de M. Feugère *et alii*⁶ refere, sem que dela se aprofunde o estudo, uma etiqueta de chumbo (identificada como ETQ-4002), semelhante às de Peniche, mas com mais texto. Traz um mapa de localização das ocorrências, mormente na Europa Central, e os autores informam que este tipo de documentos servia «quer para anotar a quantidade da mercadoria (e, por vezes, o preço) quer para identificar o destinatário de um bem previamente encomendado».

Para complementar estes dados acerca de outros trabalhos que versam a mesma temática, poder-se-á ainda citar Ivan Radman-Livaja, que estudou placas inscritas provenientes de Siscia, a cidade romana *Segestica*, actual Sisak, na Croácia⁷. E que, por iniciativa de Michel Feugère, investigador do CNRS em Lattes, foi criado um Groupe de travail européen sur

⁴ GRASSL, Herbert, «Die Rolle von Nauportus (Vrhnika) im Lichte neuer Textfunde Pomen Navporta v luči novih napisov na svinčenih ploščicah», *Arheološki Vestnik*, 68, 2017, p. 459–469.

⁵ ANDRIČ, Maja *et alii*, *The LJUBLJANICA - a river and its past*, Ljubljana: Narodni muzej Slovenije, 2009.

⁶ Em *Artefacts – Encyclopédie des petits objets archéologiques*, acessível no endereço <http://artefacts.mom.fr> foi inserida, a 4 de Março deste ano de 2018, a publicação «Étiquette inscrite en plomb», de M. Feugère *et alii*.

⁷ RADMAN-LIVAJA, Ivan, *Les Plombs Inscrits de Siscia*, tese de doutoramento defendida a 30 de Janeiro de 2010, na École Pratique des Hautes Etudes, Paris.

l'artisanat et les productions manufacturées dans l'Antiquité, que publicou o Bulletin *Instrumentum*. Temos presente o n.º 6, onde, para além de dar a conhecer, em desenho, algumas das etiquetas encontradas (por exemplo, as das escavações de Rodez, Aveyron), faz a seguinte observação, que vem na sequência do que atrás se assinalou:

«Embora o nosso inventário integre várias dezenas de objectos deste tipo, é verosímil que numerosas etiquetas ainda permaneçam desconhecidas»⁸.

Fica, pois, nesse sentido o nosso modesto contributo, não sem, antes, afirmarmos que – atendendo às moedas encontradas (citem-se um sestércio de Cómodo e um denário de Caracala do ano 200 – estes serão materiais do século II e inícios do III.

GUILHERME CARDOSO
JOSÉ D'ENCARNAÇÃO
TIAGO FONTES
RAQUEL SANTOS

⁸ FEUGÈRE, Michel, «Textes méconnus de la Gaule: les plombs inscrits», *Instrumentum*, n.º 6, Déc. 1997, p. 1 e 19.



Fig. 1 - Vista geral da área escavada

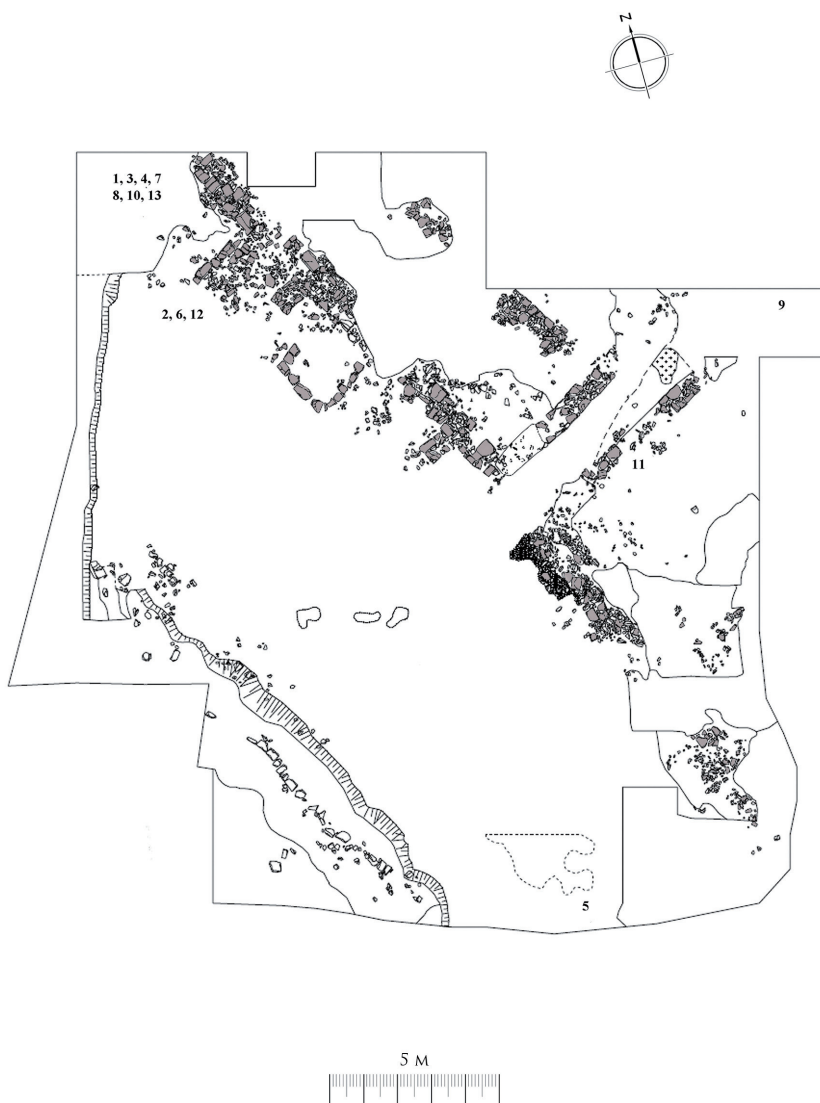


Fig. 2 - Planta da área escavada

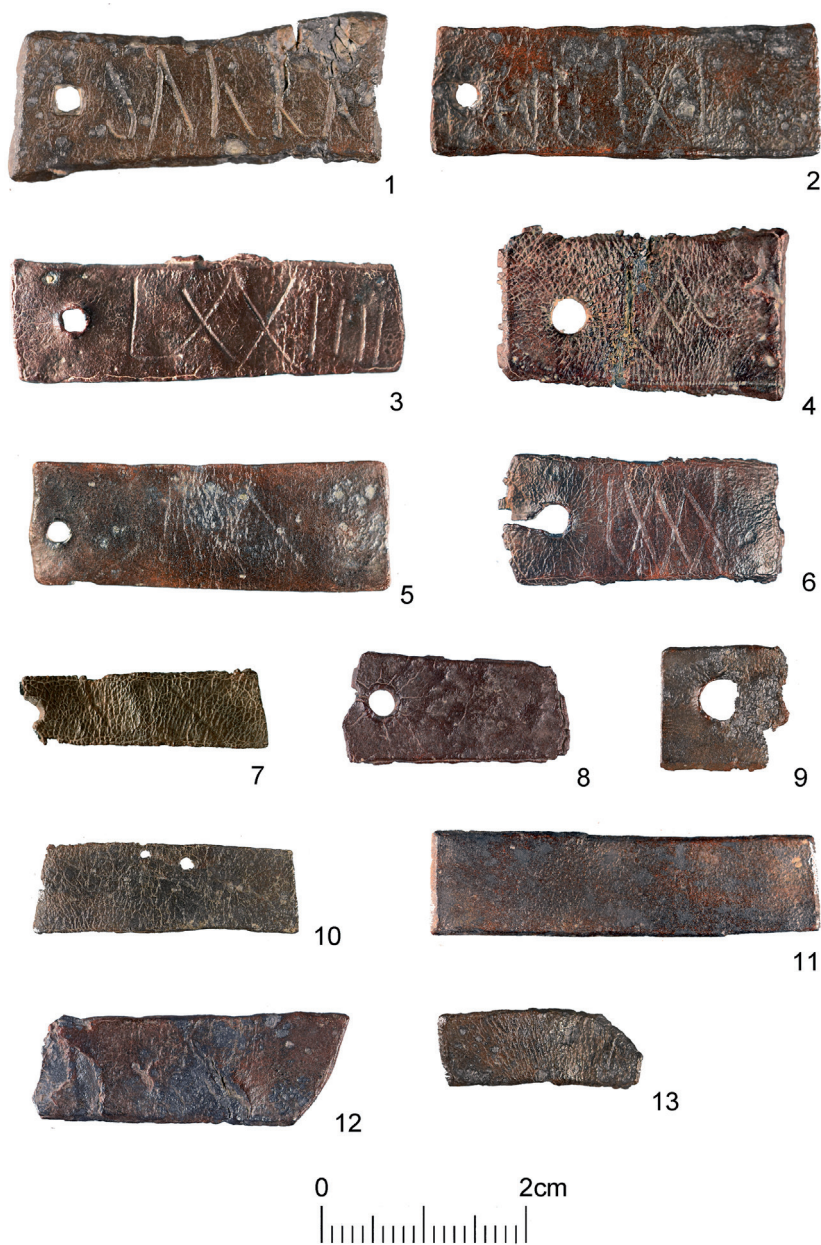


Fig. 3 - Etiquetas de chumbo

UMA CUPA PERDIDA DE BRINCHES, SERPA
(*Conventus Pacensis*)

Tenho em meu poder, há largos anos, o apontamento que alguém me fez chegar (confesso já não saber quem) acerca do achamento de uma cupa. De vez em quando, antojando-se-me que determinado antigo aluno poderia calcorrear o terreno indicado, fui solicitando ajuda a este e àquele, na esperança de que, um dia, se chegasse a encontrar o monte e o monumento.

Em vão.

No (sempre fundado) receio de que o ‘papelito’ possa vir a perder-se e, com ele, a informação, decidi-me agora a transcrever o que lá vem escrito. Duas razões me levaram a isso: dar conhecimento desta diligência feita num tempo em que ainda não havia os meios a que, hoje, tão facilmente temos acesso; e, depois, porque informação tão pormenorizada poderá vir a suscitar o entusiasmo de alguém, desiderato que, repetidamente prosseguido por mim, nunca logrei ver concretizado.

Assino o texto para assumir dele a responsabilidade; anote-se, todavia, que sou mero transmissor do que me foi entregue. Passo ‘a limpo’ o que vem na pág. 1 da folha – e, por minha fê, garanto a fidelidade da cópia; digitalizo a página 2, porque, além de ter os desenhos, assim fica autenticado o testemunho. E até pode ser que haja quem reconheça a caligrafia!...

Assim se lê:

Qualquer popular na povoação de Brinches poderá indicar o caminho para Monte do Ourém.

Seguindo a estrada que de Brinches vai para Moura encontramos um desvio à direita em terra pisada, desvio esse que se ramifica. Indo pela bifurcação da direita rapidamente atingiremos o Monte do Ourém, propriedade de José Amaro Torres.

A visita ao local deu-se em 18 de Julho de 1971 e íamos acompanhados por Áurea Martins, Manuel Martins, António Baptista e Manuel Farinho.

Mesmo junto ao edifício da propriedade encontrava-se um cipo cupiforme destruído em parte por violadores de tesouros, esta peça provinha de perto da casa e tinha sido descoberta ao abrir-se um buraco para se plantar uma oliveira.

Tinha as seguintes medidas

c. de base – 47 cm

l. de base – 57 cm

h de base – 10 cm

l corpo – 36 cm

c corpo – 87 cm

raio – 22 cm

Por todo o campo apareciam à superfície fragmentos de *opus signinum*, *imbrices*, *tegulae*, etc.

Foi-nos oferecido um peso de rede pelo Sr. José Amaro Torres que disse também o ter encontrado quando arava o solo.

Fotografámos um fragmento duma mó que também se encontrava junto ao monte.

Aparece muito ferro à superfície.

O que detectámos [*ver reprodução em anexo*].

Louve-se quem teve o cuidado de tudo registar. Aqui fica, portanto, para que conste, ainda que, do ponto de vista epigráfico, nada mais se possa arquivar senão a informação da existência de uma cupa, mui provavelmente anepígrafa. Já do ponto de vista arqueológico, os dados fornecidos justificam, pelo menos, a indicação de que ali terão existido – ou existirão – abundantes vestígios de ocupação romana, quiçá, como é hábito, uma *villa*.

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO

Trabalha as seguintes medidas:

C. de base - 41 cm

l " " - 57 cm

h " " - 10 cm

l corpo - 36 cm

C " " - 87 cm

Peso - 22 cm



CRO

Por todo o tempo apareceram à superfície fragmentos de opus signinum, mosaicos, tegulae, etc.

Foi-lhes oferecido um peso de recte pelo Sr. José Amaro Tires que disse também o ter encontrado quando arava o solo fotografamos um fragmento assim mas que também se encontrava junto ao monte.

Aparece muito perto à superfície

O que detectamos:

